



Entrevista com Ana Flávia Pasquotte Vieira

A Desafiadora e Fascinante Trajetória de uma Nômade Não Digital: um bate papo com uma brasileira que já viajou por 138 países

Maria de Lourdes Santos Ferreira¹
Ana Flávia Perpétuo Madeira²
Vitória Eliz dos Santos Melo³
Willian Vitor Oliveira⁴

ENTREVISTA

Contextualização da proposta

A presente entrevista resulta do trabalho desenvolvido na disciplina TUR135 - Seminário de Escrita Acadêmica - ofertada para os alunos do Curso de Turismo da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM), durante o 2º semestre de 2024. A disciplina tem como objetivos, dentre outros, promover a reflexão acerca do processo de construção dos gêneros de divulgação acadêmica; explorar a polifonia e suas implicações na objetividade do discurso e refletir sobre aspectos éticos na construção dos textos. A entrevista foi realizada via *google meet*, no dia 05 de novembro de 2024. De lá até a finalização do texto foram realizados inúmeros movimentos de idas e vindas, para que os envolvidos, especialmente a entrevistada, pudessem validar a retextualização da sua fala – a transformação de um texto oral em um texto escrito para publicação. A transcrição da entrevista, no seu formato original, resultou em 38 páginas, que tiveram que ser lidas e relidas e trabalhadas cuidadosamente para que não se perdesse a essência das informações e, ao mesmo tempo, fosse produzido um texto que atendesse aos critérios da revista, principalmente em termo de extensão. Todo esse trabalho foi construído a várias mãos, sob minha coordenação enquanto professora, mas com participação ativa dos acadêmicos, que se envolveram de maneira entusiasmada, desde a construção das questões até a realização da entrevista e sua transcrição.

¹ Professora Associada do Curso de Turismo da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM). Endereço eletrônico: lourdes.ferreira@ufvjm.edu.br Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-1906-1375> Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0008193831027772>

² Acadêmica do curso de Turismo da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM). Endereço eletrônico: anamadeira2873@gmail.com Lattes: <https://lattes.cnpq.br/3816107191544444>

³ Acadêmica do Curso de Turismo da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM). Endereço eletrônico: vitoriaeliz9@hotmail.com Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4737242135250928>

⁴ Acadêmico do Curso de Turismo da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM). Endereço eletrônico: oliveirawillian2602.20@gmail.com Lattes: <https://lattes.cnpq.br/7829313137466950>

Para começar

Ana Flávia Pasquotte Vieira, de 31 anos, natural de Araras (SP), é uma viajante experiente, que se auto denomina como nômade não digital, tendo visitado, até o momento desta submissão, 138 países. Aos 16 anos, iniciou sua jornada pelo mundo, acumulando experiências com intercâmbios, trabalhos voluntários, mochilões e hospedagens via *Couchsurfing*. Formada em Ciências Sociais pela Unicamp e pós-graduada em Educação Montessori, ela se especializou no desenvolvimento infantil de crianças de 0 a 3 anos. Nesta entrevista, vamos conversar sobre suas experiências e desafios enquanto mulher, que viaja sozinha, abordando questões relativas a gênero e segurança, além de outros aspectos relacionados à saúde, alimentação, questões cambiais e vistos. Por uma questão de espaço, organizamos nosso bate-papo por temas, buscando apresentar o máximo de informações dessa entrevista que é uma oportunidade ímpar para entendermos os bastidores e as complexidades de uma vida dedicada ao nomadismo, especialmente em se tratando do gênero feminino.

Atravessando fronteiras: Kuwait, China, Nepal.



Fonte: Arquivo pessoal de Ana Flávia P.Vieira

Entrevistadores: Ana, primeiramente, gostaríamos de agradecer imensamente a sua disponibilidade para participar dessa entrevista. Vamos começar com uma pergunta que, com certeza você já ouviu muito, mas que é muito importante sabermos. Por ser uma mulher que viaja sozinha, quais as precauções, ou seja, quais os critérios você usa quando vai escolher um país? Você usa algum filtro para pesquisa na internet em relação, por exemplo, a misoginia e machismo que te faça redobrar a precaução?

Ana Flávia Vieira: Então, a primeira coisa que eu olho é se tem mulher nesse país (risos). Se tem mulher lá, tá bom, já é alguma coisa! Mas brincadeiras à parte, eu costumo dizer que não é difícil ser mulher e viajar sozinha, o difícil é ser mulher, em qualquer ambiente, em qualquer país, principalmente nós que, infelizmente, somos de um país que é extremamente machista, que bate recordes de violência de gênero, e de qualquer tipo de violência. Paradoxalmente, ser brasileiro acaba nos protegendo de muitas coisas porque a gente já está “alerta” para muitas violências, como a de ter muitos cuidados, que, por exemplo, uma pessoa que vem lá da Noruega, nem imagina. E por outro lado, não é que é impossível, mas é raro ter algum país que seja muito pior que o Brasil, em termos de violência. Então, geralmente, ou é o mesmo nível ou é melhor, sabe? Tanto em termos de violência em geral, quanto em termos de violência de gênero. Mas o fato realmente de ter mulheres lá, em outros países, me mostra que tá, talvez tenha um alto nível disso ou daquilo, mas elas estão fazendo alguma coisa, estão sobrevivendo e estão seguras, não é? E para falar a verdade, existem uns 10 ou 15 países no mundo, no máximo, que realmente são perigosos para se visitar; todo o resto, ou é muito seguro, ou é seguro tendo cuidados do dia a dia, ou menos seguros tendo mais cautela, mas não é que você vai morrer lá, sabe? Então eu acho que, claro, ser mulher define muito a minha experiência, mas é uma coisa que para nós, brasileiras, já é intrínseca, entende?

Eu, por via de regra, não saio depois que anoitece em quase nenhum país; em alguns países eu sou um pouquinho mais tranquila porque realmente são países extremamente seguros, então, eu acho que ser mulher brasileira me prepara para ser mulher em qualquer outro lugar do mundo.

E tem também uma coisa que a gente não pode deixar de mencionar que são os privilégios, né? Então, geralmente, tem uma escala social de privilégio: tem os homens locais, os homens estrangeiros, as mulheres estrangeiras e as mulheres locais; então eu, como estrangeira, como turista, como visitante, em muitos países, tenho mais privilégios do que as mulheres locais, então tenho um tratamento diferente do que as mulheres locais, porque além

de mulher, eu sou uma mulher visitante, uma turista, uma estrangeira, então eu sou quase como um homem estrangeiro.

Entrevistadores: De acordo com pesquisas atuais, o Brasil bateu recorde de feminicídio nesse ano de 2024. E fazendo um link com o que você falou sobre a questão dos privilégios, as questões étnicas influenciam na forma como você é tratada, por ser uma mulher branca?

Ana Flávia Vieira: Sem dúvida, o privilégio existe. A interseccionalidade define a experiência de cada mulher. Uma mulher negra ou asiática teria uma vivência bem diferente da minha em muitos países. No exterior, muitas vezes escuto "você não parece brasileira", porque a imagem internacional do Brasil é muito associada ao futebol, e muitos jogadores são negros. Quando explico que somos uma mistura de povos, eles se surpreendem. No Brasil, sou vista como branca, mas na Europa e nos Estados Unidos, sou latina, e isso muda como sou tratada. Muitos brasileiros racistas descobrem isso quando viajam e percebem que não são vistos como brancos. Em lugares como a Ásia ou a África, me confundem com europeia ou norte-americana, o que também altera o tratamento e até os preços dos produtos, e muitas vezes brinco: "Esse é o preço para europeus, e o preço para latino-americanos?"

Entrevistadores: Falando em preço, como você financia suas viagens?

Ana Flávia Vieira: Existem várias maneiras de viajar. Você pode viajar com quase nada de dinheiro, depende do tempo e do nível de conforto que você deseja. Eu trabalho de forma sazonal, em países com moedas fortes, junto dinheiro, viajo até ele acabar e recomeço. Outras opções incluem trabalhar remotamente, como os nômades digitais, ou alternar entre períodos de trabalho e viagem. Claro, existe a opção de ser herdeiro, mas não é a realidade da maioria.

Entrevistadores: Retomando a questão de escolha dos países, quais critérios você usa sempre que vai escolher um novo país?

Ana Flávia Vieira: Então, eu gosto muito de viajar por terra, eu gosto muito de cruzar fronteiras terrestres. Por dois motivos, primeiro porque os voos são caros, e segundo porque na fronteira terrestre, meio que um país vai se fechando aos poucos e outro vai se abrindo, sabe? Eu acho que é uma experiência cultural muito mais interessante. Geralmente tem uma área que é meio tudo misturado, aceita moeda dos dois países, fala-se a língua dos dois países. A primeira vez que eu saí do Brasil foi em 2010. Então já faz 14 anos que eu viajo e eu acho que quanto mais você viaja mais você encontra outros viajantes; há, sei lá, 4, 5 anos que eu estava viajando, eu já tinha uma imagem mental do mundo. Tipo, quais países realmente são perigosos; como falei pra vocês, são bem poucos que são perigosos de viajar, do tipo que você só decide: "não vá".

Deserto do Saara - Mauritânia



Fonte: Arquivo pessoal de Ana Flávia P.Vieira

Entrevistadores: Como você tem o primeiro contato com os anfitriões?

Ana Flávia Vieira: É a internet; hoje em dia é basicamente internet. A troca de hospedagem por trabalho era uma coisa que existia fora da internet, só que tinha que chegar no lugar e ter essa flexibilidade, essa falta de controle.

E hoje em dia a gente tem a internet, o que para mim também é um mecanismo de segurança, porque, bem ou mal, em todas essas plataformas geralmente tem um esquema de referência, ou de *review*. Então, para mim, a internet facilitou muito nisso. Talvez no passado, eu como mulher viajando sozinha, passaria muito mais perrengues por conta disso, de não ter esse esquema de referência.

Então, é isso, eu acho que, hoje em dia, a internet traz uma segurança, tanto nesse esquema de referências, de *review*, de *feedback*, quanto também de você poder planejar melhor. Porque no fim é isso, o ser humano gosta de ter controle sobre as coisas. Então, talvez a falta de controle é o que traz mais medo às pessoas. O medo da falta de controle e o medo do desconhecido; então, o medo de eu não saber o que eu vou encontrar lá, não saber o que vai acontecer, geralmente é nisso que as pessoas desistem, sabe?

Entrevistadores: No turismo a gente usa muito o conceito de atrativos, que seriam atrativos naturais, atrativos culturais e outros. O que mais chama a sua atenção nesses países que você vai visitar? Como é que isso interfere nas suas escolhas?

Ana Flávia Vieira: Olha, geralmente, quanto menos eu sei de um país, mais eu quero ir pra lá, para falar a verdade. Eu acho que para a motivação, é o desconhecido, sabe? É eu entender o que é que tem lá, como é que vivem, o que comem, que horas dormem, como dormem, como usam os banheiros, como tomam banho, como lavam a roupa, as coisas assim, sabe? Então eu tenho muito essa motivação de viajar para conhecer o desconhecido e para aprender, mas eu sei que muita gente, principalmente hoje em dia, mais que nunca, viaja simplesmente pelas belezas ou viajam pelos lugares “instagramáveis.” É ridículo você ver essa mudança em blogs de viagem que hoje fazem artigos completos do tipo “quais são os lugares instagramáveis de Tóquio”, “onde você pode ir para tirar fotos bonitas”. E muita gente criando conteúdo para isso, para mostrar os lugares que são bonitos e as pessoas só querem saber da beleza. Não querem aprender que língua se fala ali, o que se come, qual é a situação social daquele país, qual é a história, se tem primeiro-ministro, presidente, rei ou o que quer que seja.

Entrevistadores: Falando um pouquinho sobre tecnologias, você falou sobre a questão dos países que você visita, que você não chega a pesquisar tanto, que você gosta dessa surpresa, do que eles podem te oferecer. Então, vamos falar sobre algo que é muito presente hoje em dia, principalmente para os jovens, sempre conectados, que é a inteligência artificial. Essa é uma ferramenta que você utiliza muito nas suas viagens? E gostaria de juntar com uma outra pergunta: como essas mídias, de modo geral, influenciam na percepção desses países?

Ana Flávia Vieira: A inteligência artificial realmente mudou tudo. Acho que mudou completamente a maneira como a gente viaja. Para vocês também, quando vocês forem atuar, com certeza vai mudar muita coisa. Hoje em dia eu uso para tudo, gente. Temos que ter cuidado porque a inteligência artificial é baseada numa database disponível no Google. E nem sempre o que está disponível no Google é o correto. Existe uma diferença em relação à quantidade de informação de cada país. Países como o Nepal, Tailândia e Vietnã tem muita informação online, diferentemente do Paquistão, por exemplo. Nesse quesito, talvez o ChatGPT não ajude tanto, e prefiro usar os grupos de Facebook; além disso a inteligência artificial não é imparcial, né? Tipo assim, se você pesquisar sobre o Paquistão, o que tem sobre o Paquistão na internet? Ah, é perigoso, é guerra, é terrorista... entende? Então, a informação que está disponível na internet não é imparcial e, portanto, a inteligência artificial não é imparcial também. Muitas vezes eu uso assim, para começar a minha pesquisa. Depois, confirmo a informação.

Em relação aos atrativos, eu gosto muito de programas gratuitos! Eu viajo há muito tempo, então, pagar as coisas é meio difícil. Muitas vezes você paga para ver uma coisa que não é tão diferente do que você já viu em outros países. Aí, eu utilizo a inteligência artificial, por exemplo, eu peço uma lista de 50 coisas pra fazer em Kathmandu de graça e quais lugares visitar, organizado de uma maneira lógica e de uma maneira geográfica. Ajuda muito! Eu sou uma pessoa muito curiosa. Então, eu gosto muito de saber sobre os países e a história. Às vezes, você lê assim, sei lá, uma coisa da história do país e você quer continuar, sabe? E eu, como socióloga, costumo pesquisar sobre muitas teorias da sociologia, aplicando-as ao país que estou visitando, buscando entender como é a questão dos valores matrimoniais desse país, como é a relação, etc. Obviamente, que não é a mesma coisa que você ler um estudo de um acadêmico de uma universidade, mas te dá um ponto de partida, sabe?

Há uma reflexão importante para se fazer sobre a influência da mídia na escolha dos destinos da maioria das pessoas. Um exemplo, a Tunísia era um país super turístico; não é um destino muito distante para quem vem da Europa, é barato e tem praias lindíssimas, arquitetura lindíssima. Em 2016, houve um ataque terrorista lá e pronto! Acabou a indústria turística do lugar. Atualmente, há hotéis gigantes que têm pouquíssimos hóspedes, por conta de um ataque terrorista. Enquanto isso, nos Estados Unidos, tem mais tiroteios em escolas do que dias no ano, e quando você fala que vai visitar o país, ninguém te fala que é tão perigoso. Quantas pessoas vocês conhecem que foram para Tunísia? Provavelmente, nenhuma. Quantas pessoas conhecem que foram para os Estados Unidos? Então, cria-se essa ideia de que, porque a gente conhece tanta gente que foi pra lá e voltou seguro, então é seguro. Ou, por exemplo, você vai para o Nepal, que é perto da Índia, e pensa logo que é o mesmo esquema da Índia em relação a assédio, a segurança e tudo mais. E é completamente diferente! Ou, pior ainda, os estereótipos que a gente cria em relação à religião, né? Sobretudo em relação aos países muçulmanos. Então, toda essa questão da mídia e das experiências das pessoas que a gente conhece influenciam. E isso pode ocorrer pelo bem e pelo mal. Então, países que até dois, três anos eram nada turísticos, de repente viram super turísticos, por conta de dez influencers que foram para lá.

Entrevistadores: A gente sabe que as diferenças culturais representam um grande desafio. Dentre essas diferenças, destacamos a alimentação. Isso representa um desafio para você? Se tem desafios com a alimentação, como é que funciona essa questão?

Ana Flávia Vieira: eu estou para fazer 31 anos. Alimentação tem sido uma crise para mim nos últimos anos, nos últimos anos não, nos últimos meses, porque o meu corpo quando eu comecei a viajar aos 20 e poucos anos, tipo assim, cinco dias sem comer um pedaço de fruta, não dava

nada! E hoje em dia é muito mais difícil, é uma coisa que obviamente a gente só sabe quando a gente fica velho, infelizmente. Então é isso, tem países que é muito difícil você manter uma alimentação balanceada quando você vai viajar. Uma coisa é quando você viaja uma vez por ano por três semanas, um mês ou duas vezes por ano por algumas semanas. Você ficar duas semanas comendo mal, não importa. Mas eu, por exemplo, a última vez que eu trabalhei foi em junho, então, quando eu estava com uma vida mais ou menos estável, foi em junho. Já estamos aí há quase quatro meses, cinco meses que eu estou na estrada e é muito difícil manter uma alimentação balanceada. É muito difícil eu conseguir comer fruta, tem países em que as condições sanitárias são mais questionáveis. É difícil você comer fruta porque é cru, né? Fruta e salada. E aí você fica só no carboidrato, fica só na proteína. E eu já cheguei a ser vegana por dois anos viajando, e era muito difícil. Eu deixei de ser vegana, mais que tudo, pelas dificuldades da viagem. Foi numa época que eu comecei a usar mais *Couchsurfing*. Então, eu não queria chegar à casa de uma pessoa e falar, não, eu não como isso, não como aquilo, não como aquilo outro. Muitos países nem têm esse conceito do que é o ser vegano, do que é o ser vegetariano. E o segundo era a questão da comunicação, né? Também naquela época não tinha tanto Google tradutor. Tipo assim, chegar a uma pessoa e começar a explicar, você não falando a língua dela, que você não come leite, mas você também não come a manteiga, porque a manteiga é feita de leite, você não come carne, mas carne também quer dizer peixe, quer dizer animais. Então, foi por isso que eu deixei de ser vegana. Acho que a alimentação pode ser uma questão, como não pode ser uma questão.

Eu tive três intoxicações alimentares das bravas durante esses anos viajando. E eu acho que essas três me prepararam, sabe? Porque depois dessas três, eu sobrevivi a países que são mundialmente conhecidos por fornecerem alimentação que provoca diarreia nos viajantes, como a Índia, a Bolívia, Etiópia, Bangladesh, e eu sobrevivi a esses países imune, porque eu acho que eu já criei a imunidade dessas outras intoxicações alimentares.

Mas uma coisa que eu ainda faço em todos os países que eu chego é pegar leve na primeira semana; tento comer em lugares mais ou menos limpinhos, evito a fruta, evito a salada, gosto de deixar meu corpo se acostumar aos poucos. Mas depois de uma semana, não estou nem aí e qualquer comida é comida. Muitas vezes pelo *Couchsurfing*, você chega na casa das pessoas, as pessoas querem te alimentar, então, assim, se tem uma barata na cozinha, paciência, se tem rato no telhado, paciência!

Entrevistadores: Continuando no tópico dos desafios, como funciona em relação à saúde?

Ana Flávia Vieira: A saúde é uma coisa muito difícil, especialmente quando você viaja sozinho, sabe? Porque você depende de você mesmo, é diferente de você estar com alguém. As vezes que eu fiquei doente, acho que a maioria das vezes, eu estava ficando em *Couchsurfing*, então eles me ajudaram, mas as vezes que eu fiquei doente, que eu estava realmente sozinha, foi muito difícil. Você se sente muito fragilizado, até mesmo em relação a coisas pequenas, sabe? Quando você está começando a ficar doente, por exemplo, você só quer ficar de boa na cama, não é? Não quer fazer nada. Uma coisa que eu tomo muito cuidado, é não me machucar. A minha mãe fala, “tá, você quer fazer isso? Faça e volte sem se machucar”. E eu tenho esse mantra na minha cabeça.

Entrevistadores: E você leva na mochila algum medicamento brasileiro?

Ana Flávia Vieira: Eu e meu irmão encontramos nossos pais em setembro do ano passado na Europa. Fazia dois, três anos que a gente não via nossos pais. Antes, se alguém estivesse vindo no Brasil, o que a gente pedia?

Passatempo, traquinas, pipoca da vovozinha, miojo da Turma da Mônica, essas coisas, né? Mas dessa vez que meus pais vieram, a gente pediu o quê? Nimesulida, Tylenol Sinus, Dorflex, que não vende na Europa, e o meu irmão ainda pediu o bendito NeoSoro, no qual ele é viciado. Esses remédios são básicos para mim, então sempre tento manter alguns comigo, além de outros, como ibuprofeno e paracetamol. Antibiótico normalmente é mais difícil, porque tem a questão da validade também, e de espaços na bolsa, por mais que sejam pequenos, ainda assim ocupam um espaço significativo.

Entrevistadores: Mudando um pouco o foco para as políticas migratórias, como funciona a questão dos vistos? Quais são os desafios, as dificuldades, de forma geral, em relação a isso?

Entrevistada: Eu acho que nós brasileiras não sabemos a sorte que temos. O nosso passaporte é o 12º melhor do mundo e temos acesso a 168 países sem visto ou com visto na chegada. Só que a gente foca no quê? Na tia Maria que teve o visto negado para os Estados Unidos e não vai poder visitar a Disney. Os piores passaportes do mundo, como do Iraque, Paquistão, Bangladesh, Etiópia, têm permissão para entrada em 30 países do mundo. E são países que é muito difícil de chegar de qualquer outro lugar. Já os brasileiros são muito bem vistos no mundo todo por conta do que eu chamo da “diplomacia do futebol”. O passaporte brasileiro era muito visado para ser roubado, tanto pelo poder de aceitação como porque todo mundo pode parecer brasileiro. Atualmente, embora ainda aconteça, ficou mais difícil o roubo de passaportes, por conta do chip e da biometria digital.

Entrevistadores: Como você administra as questões cambiais?

Ana Flávia Vieira: Eu quase não uso reais, já que ganho e gasto em moeda estrangeira. Tenho contas em bancos da Europa e uso o WISE para movimentar meu dinheiro. Para quem viaja, é essencial ter vários cartões de diferentes bandeiras (Visa, Mastercard, Maestro), porque nunca se sabe quando se pode perder um cartão ou ter problemas com o banco. Também é importante se adaptar à realidade local. Em alguns países, você não usa cartão para nada, como no Nepal, enquanto em outros tudo é digital, como o PIX no Brasil.

Entrevistadores: Para finalizar, você poderia deixar algumas dicas de segurança, pra gente, sobre aspectos que representam desafios para os viajantes?

Ana Flávia Vieira: Olha, eu vou falar uma coisa muito pontual, mas que eu já vi acontecer tantas e tantas vezes, que é o SMS de código de verificação. Quando você sai do Brasil e precisa acessar o aplicativo de qualquer banco brasileiro por exemplo, por medida de segurança, ele identifica o acesso ao aplicativo de outro país como estranho e a forma utilizada para confirmar o acesso é a verificação de dois passos. Como você não pode receber o SMS em outro país, a partir desse momento você não tem acesso ao seu banco ou pior, o seu chip pode estar funcionando mas se o celular é roubado tem que fazer a autorização do dispositivo em um novo celular. Então, é uma coisa que é muito simples, mas que geralmente as pessoas só aprendem quando passam por uma experiência ruim. Eu, por exemplo, tenho um número no Brasil com os meus pais; eu mantenho esse número ativo só para receber SMS.

Outra coisa importante é ter um número de alguém escrito no papel para o caso de você ter o celular roubado, ter como entrar em contato com alguém de confiança.

Dentro do aplicativo do Google Maps tem como você compartilhar sua localização; essa é uma boa medida de segurança! Como eu faço muito *Couchsurfing*, fico muito na casa das pessoas; invariavelmente, eu já deixo numa planilha, que meus pais também têm acesso, o nome da hospedagem, o perfil do *Couchsurfing* no site, o endereço e o telefone. Às vezes também compartilho com alguns amigos e com o meu irmão, para não preocupar tanto os meus pais. Mas tem sempre alguém avisado do meu paradeiro! E eu acho que isso é muito, muito importante!

É muito engraçado como a disponibilidade ou não das tecnologias muda a percepção e até o comportamento das pessoas. Antes não tinha internet disponível como tem hoje. No mochilão que eu fiz pela América Central, em 2015 para 2016, eu saí da Colômbia chegando ao México. Meu celular quebrou e eu tinha apenas um laptop comigo, pois eu fazia a faculdade na Colômbia. Eu pensei: ou eu continuava no mochilão, ou eu gastava o dinheiro para comprar

o celular. Decidi não comprar o celular. Então às vezes eu ficava dois, três dias sem dar notícia para meus pais, e eles ficavam tranquilos. Hoje, se eu fico 48 horas sem mandar pelo menos um oi, um *gif*, um meme, um vídeo, alguma coisa, meu pai já manda: “o que tá acontecendo aí? Onde você tá? Tá fazendo o quê? O que aconteceu?”

E, por fim, tenham a cópia das fotos na nuvem para não perder as fotos da viagem!

Para encerrar

Reiteramos nossos agradecimentos à Ana Flavia, que nos deu uma aula sobre coragem, liberdade e, ao mesmo tempo, desapego, pois ela viaja pelo mundo carregando todos os seus pertences em uma mochila, por ela chamada de ‘Sullivan’. Além das valiosas dicas sobre todos os aspectos acima discutidos, Ana destacou, também, a importância da comunicação, deixando um importante conselho para nós, turismólogos: “vocês que vão trabalhar diretamente com os clientes, façam esses clientes terem todas as informações; é crucial que o cliente saiba exatamente o que esperar. Quanto mais informações ele tiver, mais seguro se sente, o que aumenta a chance de fechar pacotes. Alinhar as expectativas é fundamental para evitar surpresas desagradáveis durante a viagem”.

Foi uma conversa muito enriquecedora e que nos provoca a refletir sobre nossa responsabilidade em pensar o turismo não apenas para aqueles que viajam para colecionar fotos e objetos, mas também para aqueles, cujo maior interesse é a experiência, é a troca, é o intercâmbio cultural.

Entrevista realizada remotamente em 05 de novembro de 2024.

